

Dora Kramer*

Farra populista é arma de governantes impopulares

A ofensiva populista do governo em prol da campanha do presidente Luiz Inácio da Silva (PT) prova que não se deve subestimar a força do aparelho de Estado. Descortina também o alto grau de preocupação com o risco de Lula não se reeleger.

O governo não se afogou nas águas da recusa de uma indicação presidencial ao Supremo Tribunal Federal (STF). Com todas as dificuldades, está bem vivo e sem nenhum constrangimento em fazer uso da máquina pública para atender as necessidades eleitorais do chefe.

Antes que se volte a atribuir essa prática ao instituto da reeleição, vale lembrar que Lula fez o diabo para eleger Dilma Rousseff (PT) e, anos antes, quando não havia a possibilidade de renovação de mandatos no Executivo, o emedebista Orestes Quércia quebrou o Banespa para levar o correliogonário Luiz Antônio Fleury ao Palácio dos Bandeirantes.

A reeleição foi instituída em 1997, quando já ia longe a aplicação dos métodos abusivos de poder na política brasileira.

O defeito, portanto, não está na regra, mas nas pessoas que infringem a lei ao pas-

sar por cima dos freios impostos ao cometimento de abusos. Sem contar a tolerância em alguns casos e, em outros, a lentidão das punições.

Jair Bolsonaro recorreu ao método e não deu certo. O desgoverno golpista e negacionista pesou mais na decisão do eleitorado. Com Lula, é de se ver o que falará mais alto: as benesses de última hora ou a avaliação do desempenho do governo nos três anos anteriores em que o sentido de urgência esteve voltado a outras áreas.

Na economia, concentraram-se as atenções na arrecadação. Na política, o

presidente se ateu à busca de destaque no plano internacional e ao embate ideológico com a direita emergente. Não usou suas habilidades políticas para, por exemplo, fazer andar projeto consistente na segurança pública.

Enfrentou oposição feroz? Assim como outros governos enfrentaram e contornaram a oposição do PT a reformas essenciais e ao plano que pôs fim à inflação. Cada um dá o seu jeito.

***Jornalista e comentarista de política**

Paulo César de Oliveira*

Guerras que atravancam o mundo

Não foi uma vez apenas que disse em meus artigos, que as guerras mundo afora não vão acabar tão cedo, como entre Rússia e Ucrânia que já ceifou milhares de vidas em seus quatro anos de combates sangrentos. Como as mantidas por Israel, em estado bélico.

O clima belicoso no mundo ficou ainda mais carregado com a volta do alucinado Trump ao poder nos Estados Unidos, disposto a ser o todo poderoso do mundo, com planos de anexação de territórios e países inteiros ao mapa americano. Sua justificativa para tais ações é a segurança de seu país, diante dos avanços da China, que se tornou

uma nação econômica e militar, com avanços tecnológicos de alta tecnologia. Trump reconhece em Xi Jinping um igual e se mostra assustado.

Além de Jinping, na China, Trump se sente acuado por Putin, na Rússia, e usa esta paranóia para ameaçar o mundo com seu projeto expansionista. Mas esta ganância, este compromisso com a indústria da guerra, está levando o presidente Trump e os Estados Unidos para “becos sem saída”. A guerra contra o Irã é o maior exemplo. A inesperada resistência iraniana prorroga a guerra e leva o presidente americano a fazer ameaças – varrer a sociedade iraniana da terra – que

assusta o mundo e coloca todos contra os americanos.

Até onde vai este clima de insegurança no mundo. Não, as guerras não são uma novidade na vida dos humanos. Bem ao contrário, o mundo nunca esteve em paz. Grandes e pequenos conflitos fazem parte, infelizmente, da rotina dos homens. Mas a situação se agrava com o desenvolvimento da indústria da guerra, transformando qualquer conflito em um morticínio incontrolável. E as guerras já não são, em sua maioria, alimentadas por questões ideológicas.

Em todos os conflitos há o interesse econômico que alimenta a matança. O estímulo da indústria bélica. E isto não dá si-

nais de mudança. Os que chegam ao poder se mostram cada vez mais agressivos, estimulados por interesses econômicos, enquanto a população, na maioria dos países, se mostra passiva, acuada pela repressão dos aparelhos dos governos com espírito totalitário.

Este é o mundo em que vivemos e que ninguém sabe por quanto tempo existirá. Sim, porque podem ter a certeza de que uma nova guerra mundial, com a tecnologia de guerra desenvolvida como está, levará ao fim da civilização no planeta.

***Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil**

Sérgio Nery*

Geovani e a arte do camisa 8

O futebol brasileiro perdeu nesta segunda-feira (18) não apenas um craque. Perdeu também um tipo de jogador que, infelizmente, parece cada vez mais raro. Geovani Silva, o eterno “Pequeno Príncipe”, jogava futebol com uma inteligência e uma leveza que o Brasil já produziu em abundância, mas que hoje surge quase como peça de coleção.

Em tempos em que o futebol privilegia intensidade física, força e ocupação de espaço, Geovani era a personificação de outra escola. A do camisa 8 cerebral. Do meio-campista que organizava o jogo com técnica refinada e compreensão rara do tempo da partida. Jogava mais com o cérebro do que com as pernas. Antevia jogadas. Pensava antes dos outros.

O meio-campista não precisava de explosão física para dominar uma partida. Bastavam alguns toques na bola para controlar o ritmo do jogo. Era um jogador elegante. Daqueles que davam a sensação de que o futebol podia ser jogado sem esforço aparente.

Até suas cobranças de pênalti carregavam essa assinatura técnica. Durante anos, criou-se no imaginário popular o mito de que Geovani jamais teria perdido uma cobrança na carreira. O registro histórico mostra que houve raríssimas exceções, o que não diminui a dimensão de um aproveitamento extraordinário. O simples fato de o mito ter sobrevi-

vido por tanto tempo já ajuda a explicar o tamanho de sua qualidade.

No momento de maior tensão do futebol — quando um esporte coletivo se resume ao duelo entre goleiro e cobrador — ele normalmente fazia o mais difícil parecer simples. Deslocava o goleiro com precisão quase cirúrgica. Muitas vezes, o arqueiro “nem saía na foto”, como dizia a velha linguagem do futebol brasileiro.

Nascido em Vitória, ele iniciou a carreira ainda adolescente na Desportiva Ferroviária e se transformou em um dos maiores símbolos da história do esporte capixaba. Talvez o primeiro grande ídolo do futebol do Espírito Santo em dimensão nacional.

E foi no Vasco da Gama que o Brasil descobriu a dimensão daquele meio-campista raro. O clube carioca se tornou sua casa esportiva e afetiva. O jogador construiu uma relação profunda com a torcida vascaína, alimentada até os últimos anos de vida. Nas redes sociais, fazia questão de reafirmar constantemente seu amor pelo clube que o revelou.

No Vasco, virou ídolo em uma das gerações mais marcantes da história do clube, dividindo protagonismo com nomes como Roberto Dinamite e Romário. Conquistou títulos importantes, entre eles

os Campeonatos Cariocas de 1982, 1987, 1988, 1992 e 1993.

Mas o craque não encantou apenas São Januário.

O mundo começou a perceber seu talento no Mundial Sub-20 de 1983, no México. Capitão e principal referência técnica daquela seleção brasileira, conduziu o Brasil ao primeiro título mundial da categoria. Foi artilheiro e eleito o craque do torneio, que contava com nomes como o holandês Marco Van Basten.

Anos depois, voltou a ser protagonista com a camisa da Seleção Brasileira nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988. Armando o jogo para Romário, ele foi um dos pilares da campanha que deu ao Brasil sua segunda medalha de prata no futebol e a primeira medalha olímpica do Espírito Santo. A ausência dele na final contra a então União Soviética, por suspensão após cartões amarelos, acabou sendo sentida profundamente por aquela equipe. Faltava justamente o cérebro do meio-campo brasileiro.

Curiosamente, um jogador desse tamanho jamais disputou uma Copa do Mundo pela seleção principal. E isso talvez permaneça como uma das injustiças mais difíceis de explicar do futebol brasileiro, especialmente em 1986 e 1990, quando vivia o auge da carreira.

Ainda assim, o camisa 8 fez parte do elenco campeão da Copa América de 1989, título histórico por encerrar um jejum de conquistas relevantes da Seleção desde a Copa do Mundo de 1970.

Sua ausência em Mundiais o aproxima de outros talentos brasileiros extremamente técnicos que também ficaram fora de Copas, como Djalminha e Alex. Cada um com suas características próprias, mas todos representantes de uma linhagem de jogadores que priorizavam toque de bola, inteligência e criatividade acima da imposição física. Talvez por isso despertem tanta nostalgia.

Nos últimos anos, Geovani travou outra batalha difícil: a luta contra uma grave doença. E a enfrentou com coragem e dignidade, da mesma maneira como encarava os grandes clássicos e jogos decisivos pelo Vasco.

O “Pequeno Príncipe” parte aos 62 anos deixando saudade em um futebol cada vez mais carente de jogadores capazes de pensar o jogo com delicadeza, inteligência e arte.

Como no clássico livro que eternizou seu apelido, Geovani parecia compreender algo que o futebol moderno muitas vezes esquece: o essencial nem sempre está na força. Às vezes, está justamente na sensibilidade de enxergar antes dos outros aquilo que poucos conseguem ver.